



O imaginário como mediação no ensino da filosofia: contribuições de Jean-Jacques Wunenburger para a prática pedagógica

Ademar de Oliveira França, Alexandre Jordao Baptista

Comumente, a palavra imaginação diz respeito à “[...] possibilidade de evocar ou produzir imagens, independentemente da presença do objeto a que se referem” (Abbagnano, 2007, p. 537). Isso significa que a imaginação permite ao ser humano formar imagens mentais de algo que não está presente no momento. É uma forma de acessar e construir significados mesmo quando os objetos físicos não estão presentes. Como ilustração, podemos pensar em uma pessoa querida que está distante, em um lugar que nunca visitamos, ou até em mundos que não existem, como os encontrados em histórias de ficção. Essas imagens são criadas sem que o objeto real esteja diante de nós, elas são geradas pela mente.

A palavra imaginação aparece no dicionário significando “Processo mental que consiste em evocar ou construir imagens. Capacidade de criar, inventar, criatividade” (Bechara, 2011, p, 681). A definição destaca dois pontos importantes sobre a imaginação: ela é, ao mesmo tempo, um processo mental e uma força criativa. Imaginar não é apenas *fantasiar*, mas também ter a capacidade de pensar em novas possibilidades e dar novos sentidos ao que vivemos. Ao relacionar imaginação com criação e invenção, o dicionário mostra que ela é uma parte essencial do pensamento humano e está presente no nosso dia a dia.

A imaginação, em termos filosóficos e psicológicos, é a faculdade individual de criar imagens mentais, representar situações, inventar possibilidades e antecipar cenários. É um processo cognitivo e criativo, essencial para o pensamento hipotético, o faz-de-conta, a leitura e a criação artística. Segundo Vigotsky: “A psicologia denomina de imaginação ou fantasia baseada na capacidade de combinação de nosso cérebro” (Vigotsky, 2009. p 14). No entanto, ao contrário

dessa compreensão, no senso comum, a imaginação é vista de forma limitada, associada ao devaneio ou à ilusão, sendo desvalorizada em seu potencial formativo e cognitivo.

Comumente, entende-se por imaginação ou fantasia algo diferente do que a ciência denomina com essas palavras. No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter nenhum significado prático sério (Vigotsky, 2009. P. 14).

Vigotsky revela um equívoco comum ao mostrar que a imaginação, muitas vezes vista como algo irreal e sem valor prático, é na verdade a base de toda criação humana, presente na arte, na ciência e na técnica. Imaginar, portanto, não é fugir da realidade, mas transformá-la e atribuir-lhe novos sentidos. “Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se sem dúvidas, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e técnica” (Vigotsky, 2009. p 14).

A definição de imaginário não é única nem fixa; ela varia de acordo com o tipo de imaginação que lhe dá origem. Isso significa que a maneira como compreendemos o imaginário está diretamente ligada à forma como a imaginação opera na construção das imagens mentais.

Vale lembrar que a imaginação, ao longo dos séculos teve sua importância minimizada. A imaginação foi vista de diferentes viés.

Quer ao nível das Ideias Educativas, quer ao nível das práticas discursivas delas decorrentes, a imaginação e as suas obras, consubstanciadas no conceito de imaginário, foi submetida a dois tipos de reação oposta: a primeira, de tradição aristotélica -tomista e cartesiana, pretende, à luz de um racionalismo dogmático, disciplinar as diversas produções imaginativas[...], submetendo-as a uma grelha de prescrições mimétricas; já a segunda, filiada num ideologia espontânea e naturalista de inspiração rousseuniana, idealizada a imaginação, ao ponto de esperar dela uma ‘criatividade’ iluminada porque caleidoscópica (Wunenburger, Araújo, 2006, p. 29).

Assim, ao longo da história da filosofia e da educação, a imaginação tem sido vista de formas opostas: às vezes rejeitada como algo inferior e ilusório, outras vezes valorizada como uma capacidade essencial do ser humano. Alguns pensadores a consideram instável e perigosa, enquanto outros a veem como uma fonte criativa importante. Na educação, essa oscilação também aparece ora a imaginação é controlada pela razão, ora é estimulada como parte fundamental do aprendizado.

O imaginário, por outro lado, é uma dimensão simbólica coletiva. Conforme Jean-Jacques Wunenburger,

Conviremos, portanto, em denominar imaginário um conjunto de produções, mentais ou materializados em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguística (metáfora, símbolo, relato), formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados. (Wunenburger, 2007, p.11).

Portanto, embora distintos, imaginário e imaginação são também complementares: a imaginação individual pode acessar o imaginário coletivo, e o imaginário fornece à imaginação os elementos simbólicos com que ela opera. De acordo com os autores, “[...] a imaginação e o imaginário surgem enquanto instancias específicas da constituição antropológica e prestam-se a interpretações inéditas tanto dos processos cognitivos como pragmáticos. interprete esse pensamento” (Wunenburger, Araújo, 2006 p. 16).

No contexto do ensino-aprendizagem, o imaginário atua de múltiplas formas. Em primeiro lugar, ele oferece sentido e afeto ao conteúdo ensinado. Um conceito abstrato, quando mediado por uma imagem, metáfora ou símbolo, pode ser mais facilmente compreendido e internalizado pelo aluno ou aluna. O uso de narrativas, histórias, ilustrações, dramatizações e metáforas, por exemplo, desperta não apenas a razão, mas também a emoção e o desejo de aprender. Dessa forma, o imaginário contribui para tornar a aprendizagem mais significativa, pois mobiliza tanto a dimensão racional quanto a sensível do sujeito.

Nesse sentido, o conceito de imaginário ganha um lugar de destaque nas discussões contemporâneas sobre educação, especialmente por sua natureza interdisciplinar. No campo educacional, as imagens que constituem o imaginário estão profundamente ligadas às produções literárias, poéticas, visuais e cognitivas, influenciando a forma como se compreendem os papéis de professores, alunos e as próprias práticas pedagógicas. Por isso, é essencial refletir sobre o seu papel no discurso educativo, reconhecendo sua influência na formação dos sujeitos e promovendo uma educação mais sensível, crítica e criativa.

Sabendo que o conceito do imaginário é fisiologicamente interdisciplinar (filosofia, teologia, psicologia, etnologia, psicanálise, teorias estéticas, literárias, linguística, etc), sabendo igualmente que as imagens educacionais não se dissociam forçosamente das imagens literárias e poética (metáfora, alegorias, símbolos), nem das imagens cognitivas[.], importa pois que nos atenhamos, ainda brevemente, às implicações que o conceito de imagens possui no discurso educativos (Wunenburger, Araújo, Almeida, 2017 p. 30).

Wunenburger e Araújo propõem o conceito de imaginário educacional, entendido como o conjunto de imagens, mitos, arquétipos e narrativas que estruturam simbolicamente as práticas, os discursos e as finalidades da educação. Esse imaginário não é neutro: ele carrega visões de mundo, valores, esperanças e medos que orientam tanto os educadores quanto os educandos. O imaginário no campo educacional “[...]só pode ser compreendido á luz de uma concepção de imaginário que olha as imagens como metáforas, símbolos e mitos enquanto modelos valorativos do pensamento e da práxis do humano” (Wunenburger, Araújo, 2006, p 12). Os autores propõem um modelo de educação que leve em conta essa dimensão simbólica, abrindo espaço para narrativas poéticas, metáforas, expressões artísticas e escuta das subjetividades. Nesse modelo, o professor/a atua como mediador simbólico, facilitando o acesso do aluno a um repertório cultural que o permita interpretar e recriar o mundo.

Ora, o processo educativo não se limita ao ensino de conteúdos; ele envolve também a construção e a circulação de imagens, símbolos e significados que moldam a maneira como professores e alunos percebem a educação. Nesse contexto, entender o imaginário educacional é essencial para captar como essas imagens e símbolos atuam na construção do conhecimento. Uma vez que,

O imaginário educacional, com as suas funções e figuras, é uma especificidade do imaginário encarado como uma espécie de “*bacia semântica*” onde as imagens –, oriundas de uma imaginação que tem o poder de estabelecer analogias e correspondências, seja ela reprodutiva, seja ela produtora ou criativa –, deixam-se tipificar de acordo com as suas orientações específicas (imaginário social, mítico, lúdico, educacional, ético, estético, científico, etc.) (Araújo, 2010, p. 681-682).

Portanto, para transformar a maneira como os alunos percebem a Filosofia, o professor pode ressignificar a *bacia semântica* do imaginário educacional por meio de práticas que conectem o conteúdo à vida cotidiana, utilizando recursos como histórias, filmes, músicas, narrativas e referências culturais diversas, incluindo tradições africanas e indígenas. Essa abordagem torna o ensino mais inclusivo e próximo da realidade dos estudantes.

Valorizar o imaginário no ambiente escolar amplia as possibilidades da prática pedagógica, especialmente no ensino de Filosofia. Ao utilizar imagens, símbolos e referências culturais presentes no cotidiano e nas tradições, o professor cria conexões que aproximam o conteúdo da realidade dos alunos, facilitando a construção de sentidos mais profundos e reflexivos. Dessa forma, o imaginário atua como uma mediação fundamental no processo de aprendizagem, tornando o ensino mais humano, significativo e capaz de desenvolver um pensamento crítico e sensível.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. **Imaginação**. São Paulo: Martins Fontes,
- ARAÚJO, Alberto Filipe Ribeiro de Abreu. **Quando o imaginário se diz educacional**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online], Brasília, v. 91, n. 229, p. 679-705, set./dez. 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2176-66812010000300013&lng=pt&nrm=is. Acesso em 10 de jul. 2025
- BECHARA. C, Evanildo. **Dicionário escolar da academia de letras**. São Paulo: Academia brasileira de letras, 2011.
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1996 (Coleção primeiros passos)
- VIGOTSKY, Lev. S. **Imaginação e criação na infância: (Ensaio psicológico)**. São Paulo: ática, 2009. P 11-18
- WUNENBURGER, Jean-Jacques, ARAÚJO, Filipe Alberto. **Educação e imaginário: introdução a uma filosofia do imaginário educacional**. São Paulo: Cortez, 2006
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O Imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques, ARAÚJO, Filipe. **Educação e imaginário: introdução a uma filosofia do imaginário educacional**. São Paulo: Cortez, 2006
- WUNENBURGER, Jean-Jacques, ARAÚJO, Filipe Alberto, ALMEIDA, Rogério de. **Os trabalhos da imaginação**. As abordagens teóricas e modelizações: Imaginação e educação. João Pessoa: Ed. UFPB, 20017 p 179-199. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/56197/1/Imagina%C3%A7%C3%A3o%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 04 jul. 2025

Ademar de Oliveira França

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão

Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3408396725192588>

Alexandre Jordao Baptista

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Católica do Rio de Janeiro

Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1096965877017541>